

PERFIL DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS PARA O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI

Me. Roberto Rodolfo Georg Uebel

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) e pesquisador do Laboratório Estado e Território (LABETER) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo:

As migrações internacionais para o Brasil têm experimentado um crescimento exponencial nas últimas duas décadas, com migrantes vindo predominantemente de países vizinhos latino-americanos, Europa Ocidental e Leste da Ásia. Dentro do território brasileiro, o estado que mais vem se destacando em números absolutos de imigrantes nos últimos anos é o Rio Grande do Sul, estrategicamente localizado na parte mais meridional do país e fronteiro com a Argentina e o Uruguai, além de estar inserido nas rotas migratórias internacionais entre o sudeste asiático e Oceania e a América do Sul, e entre o continente meridional e a África e Europa, dadas as suas conexões aéreas e marítimas. Portanto, o presente artigo analisa o perfil social, demográfico e laboral das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul nas últimas duas décadas, usando a abordagem metodológica das escalas geográficas e redes, além dos instrumentais da cartografia temática. Ademais, o artigo estuda o perfil e motivação dos migrantes de cada continente em direção ao estado e suas repercussões sociais e econômicas. Por fim, o artigo conclui com notas e projeções dos fluxos migratórios para a atualidade e reminiscências das migrações para o Brasil em geral. É um artigo que deseja projetar a discussão sobre as migrações contemporâneas para o Brasil e Rio Grande do Sul, incorporando discussões da Demografia, Geografia e Relações Internacionais.

Palavras-chave: Imigração. Perfil. Brasil. Rio Grande do Sul. Século 21.

Introdução

As primeiras migrações internacionais que ocorreram em direção ao Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX, compostas predominantemente por alemães, italianos, espanhóis e poloneses, além de outras nacionalidades, tinham um caráter de “povoar o Sul do Brasil, produzir alimentos em pequenas propriedades de terra e, em menor escala, promover um branqueamento da população em função da escravidão” (Gertz *apud* Rollsing e Trezzi, 2014) e eram fomentadas pelo governo brasileiro à época (período que compreende desde o Império até o começo da República Velha).

Todavia o panorama contemporâneo da imigração no estado é diferente e com um *modus operandi* completamente distinto e único: os imigrantes em sua maioria possuem formação superior, são homens, imigram sozinhos e vem por conta própria (Uebel, 2015). Embora alguns autores ponderem que o fenômeno que se verifica tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul se trate de uma “onda imigratória”, ou seja, que deverá estabilizar-se em médio ou longo prazo, a análise gráfica e cartográfica nas próximas seções permitirá uma inferência distinta.

Trata-se agora de “um fluxo migratório que passa a incluir o Brasil” (Mezzanotti *apud* Rollsing e Trezzi, 2014) e, por conseguinte, o Rio Grande do Sul, na agenda das migrações internacionais neste começo de século XXI, consolidando-os como destino principal e polo de atração nos próximos anos.

Assim, nas próximas seções analisar-se-á o panorama das migrações internacionais com destino ao estado do Rio Grande do Sul nos anos de 2000, 2010 e no biênio 2013-2014, registrando a evolução de tais fluxos e projeções para o médio prazo, isto é, até o fim desta década, com base na hipótese de que os fluxos de haitianos e africanos – no caso senegaleses – deverá tornar-se estável nos próximos anos até atingir um ponto máximo e seguir em declínio vis-à-vis as oportunidades de emprego no estado e desempenho da economia estadual e brasileira, ou seja, sua atratividade à decisão de imigrar.

1. Perfil imigratório do Rio Grande do Sul no ano 2000: o Estado das imigrações tradicionais

No ano 2000 o Estado do Rio Grande do Sul seguia o padrão da escala brasileira, isto é, possuía um baixo estoque de imigrantes e era pouco atrativo aos novos imigrantes em

virtude de seu fraco desempenho econômico à época, somando-se ao fato de que até aquela década os fluxos imigratórios internacionais “Norte-Sul” eram nulos ou quase inexistentes e dentro do Brasil a preferência era pelos estados da região Sudeste, face o seu crescimento econômico e oportunidades de emprego.

Com uma população de apenas 17,6 mil imigrantes, estes correspondiam apenas a 0,17% da população total do estado em 2000¹, um número menor que a população da maioria dos municípios gaúchos, além de que os grupos imigratórios eram dispersos por todas as regiões do estado, sem uma concentração, como no caso dos haitianos e senegaleses quase duas décadas depois.

Nesse sentido, o Gráfico 1 mostra-nos que a composição dos dez maiores grupos imigratórios no Rio Grande do Sul no ano 2000 era restrita àqueles grupos nacionais que imigraram e colonizaram o estado um século antes:

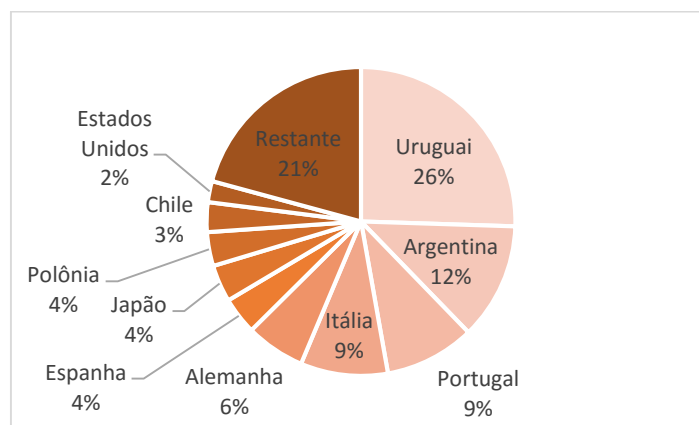


Gráfico 1 – Representação percentual dos dez maiores grupos imigratórios no Rio Grande do Sul no ano 2000.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Polícia Federal, Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelo autor.

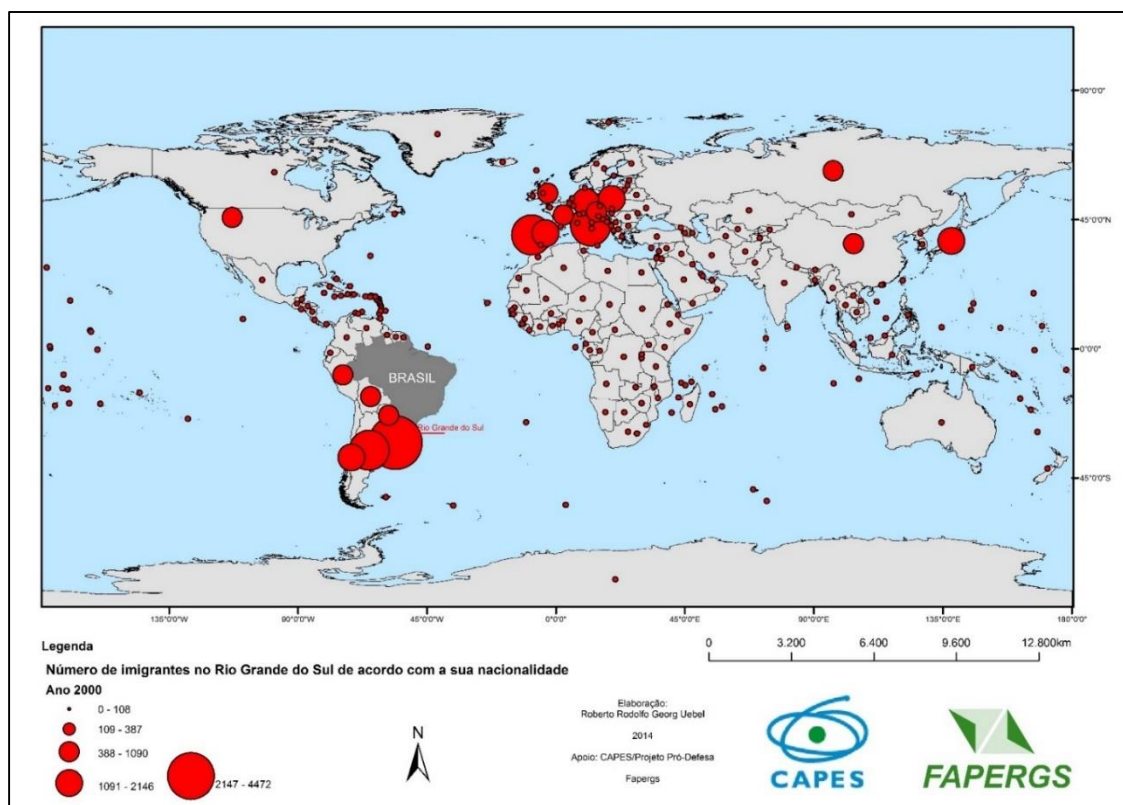
Percebe-se que além destes grupos imigratórios tradicionais – portugueses, italianos, alemães, espanhóis, japoneses e poloneses –, que já faziam parte do *melting pot* sul-riograndense (Dacanal, 1980), somam-se os imigrantes dos países fronteiriços, Argentina e

¹ Os dados de população do estado do Rio Grande do Sul foram obtidos e consultados no *Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul*:
http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu_filho=806&cod_menu=805&tipo_menu=POPULA&cod_conteudo=1386

Uruguai, além dos mais distantes geograficamente, Chile e Estados Unidos, dada a presença de empresas de capital estadunidense em território sul-rio-grandense.

É importante observar que este perfil imigratório não sofreu alterações desde os estudos já realizados por Becker (1958) cinquenta anos antes e também que não se caracterizam por brasileiros com dupla-cidadania retornados, o que a literatura de imigração confunde algumas vezes.

A representação cartográfica a seguir (Mapa 1) traduz as estatísticas de imigração para o Rio Grande do Sul no ano de 2000 e mostra-nos outras pontualidades que merecem destaque:



Mapa 1 – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Rio Grande do Sul no ano 2000.
Elaborado pelo autor.

Optou-se por dividir a nacionalidade dos imigrantes em cinco classes neste mapa: 1^a) grupos inexpressivos; 2^a) grupos pequenos; 3^a) grupos médios; 4^a) grupos grandes; 5^a) supergrupos.

A cartografia traz, portanto, que os fluxos imigratórios realmente seguiam um padrão tradicional sem alteração, onde predominavam em 2000 apenas grupos médios e grandes, de

até 2146 imigrantes, motivados predominantemente por: relações históricas e familiares com o estado, presença de multinacionais estrangeiras em território sul-rio-grandense, motivações econômicas para a atuação no comércio informal e serviços, além dos grupos de refugiados, já que à época o Rio Grande do Sul participava do acolhimento de refugiados de guerra e perseguidos políticos, sendo o principal estado brasileiro nesta ação humanitária (Moreira, 2007).

O próprio fator de expansão do MERCOSUL à época pode explicar o expressivo número de imigrantes de nações próximas no Rio Grande do Sul, como no caso dos uruguaios, argentinos e chilenos, já que conforme Patarra e Baeninger (2006), naquele período a mobilidade inter-regional de trabalhadores apresentou um crescimento expressivo, envolvendo o próprio Rio Grande do Sul:

A proporção de imigrantes internacionais recentes (1990-2000) no total deste estoque de estrangeiros indica, contudo, novas modalidades migratórias, com a crescente importância do contexto regional do Mercosul. Por exemplo, a imigração recente do Paraguai para o Brasil representa quase a metade dos paraguaios aqui residentes, sendo que para os demais países do Mercosul essa proporção é superior a 30%. [...] Os países de nascimento desse contingente, que passou a residir no Brasil nessas décadas, estiveram concentrados no Mercosul Ampliado, respondendo por cerca de 40% dos imigrantes internacionais recentes que chegaram ao país [...]. (Patarra e Baeninger, 2006).

No caso dos movimentos migratórios dos países do MERCOSUL para o Rio Grande do Sul, pôde-se constatar a importância crescente dos movimentos intra-bloco, não tanto por seu volume, mas por sua diversidade e suas implicações. A reestruturação produtiva e o contexto internacional produziram efeitos nesta área, no sentido de impulsionar novas modalidades de transferências populacionais.

Percebia-se, então, que esse novo cenário havia influenciado a transferência populacional tanto para as metrópoles, como para outras cidades, cuja posição geográfica e competitividade atraíam indústrias novas e internacionais, iniciando um processo de transformação urbana já típica da etapa da própria economia sul-rio-grandense.

Em contrapartida, a questão das fronteiras e das áreas limítrofes entre os países apresentava uma outra faceta das mudanças nesses movimentos. Em primeiro lugar, é possível que, em termos quantitativos, não ocorresse um aumento expressivo dos movimentos migratórios em consequência dos acordos comerciais, se por migração

estivermos entendendo a transferência de residência fixa. Contudo, novas formas de mobilidade espacial da população passariam a coexistir, incitando, inclusive, uma redefinição dos fenômenos emergentes que analisaremos para uma década posterior na próxima seção.

2. Perfil migratório do Rio Grande do Sul no ano 2010: o Estado frente ao Brasil na atração dos migrantes internacionais

Assim como ocorreu no perfil migratório brasileiro – consoante analisou-se no capítulo anterior – o Rio Grande do Sul viu seu estoque de imigrantes duplicar em uma década, entre 2000 e 2010, passando de 17,5 mil imigrantes para 34,9 mil, respectivamente.

Ainda que seja um número representando apenas 8,1% da população de imigrantes em todo o território brasileiro, o estoque contabilizado no Rio Grande do Sul verificou um aumento considerável de uruguaios – antes representando 26% e em 2010 já representando 47% dos imigrantes no estado – e também de novos grupos migratórios, como paraguaios e chineses no ranking dos dez maiores fluxos, conforme o Gráfico 2:

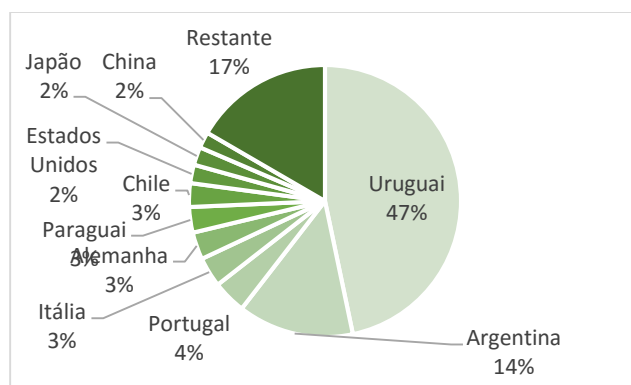


Gráfico 2 – Representação percentual dos dez maiores grupos migratórios no Rio Grande do Sul no ano 2010.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Polícia Federal, Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelo autor.

O que explica este aumento do número de uruguaios e chineses em território rio-grandense está centrado na atratividade econômica do estado – que percebeu um crescimento econômico acima da média brasileira no período – além da inserção de empresas chinesas no Rio Grande do Sul, que além de contratar mão de obra local, trouxeram em grandes cifras chineses de formação média ou superior para os cargos mais qualificados.

Desde os anos 1970, os principais motivos da emigração dos uruguaios foram o desemprego e a queda do salário real, que frustraram as expectativas de mobilidade social. A violência política instalada pela ditadura militar do início dos anos 1970 e o processo de desindustrialização promoveram a emigração de muitos uruguaios de alta e média qualificação, muitos dos quais tornaram-se emigrantes permanentes.

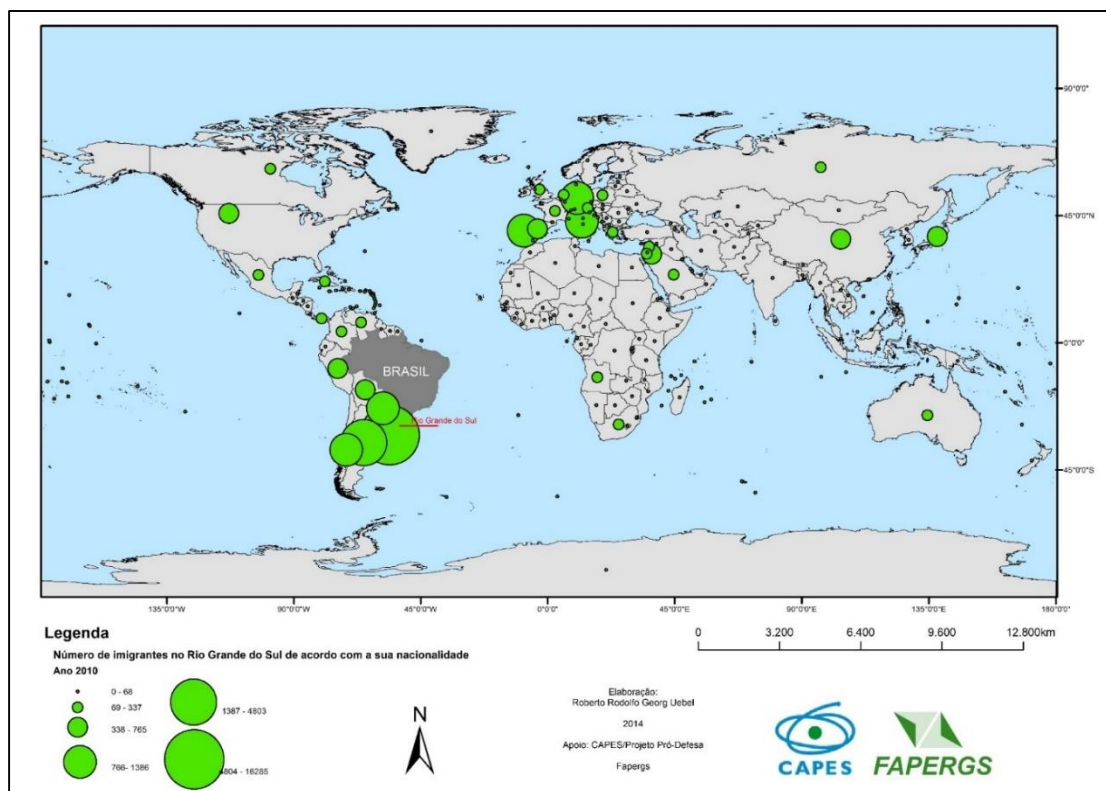
A emigração no final dos da década de 90 foi uma resposta à crise econômica dessa época, visível nas elevadas taxas de desemprego e inflação no Uruguai. A Argentina e o Brasil foram, até 2010, os principais destinos dos uruguaios que emigravam, embora nas últimas três décadas do século estes destinos se diversificaram, incluindo, entre outros países, os Estados Unidos, Austrália e Espanha.

Produziu-se uma reorientação, mormente da emigração que antes se orientava para a Argentina, devido ao aumento do desemprego e à queda do salário real neste país e nos outros destinos citados acima, que convergiram e realocaram-se em direção ao Brasil e *désormais* ao Rio Grande do Sul.

A emigração, para muitos uruguaios, faz parte das estratégias de vida (Pellegrino, 2000). O Uruguai, desde décadas atrás, mostra um padrão de emigração sustentado, que tem causado perdas de população significativas. A perda, através da emigração anual, estimada em 20.000 pessoas, em uma população de aproximadamente 3,3 milhões, supera o crescimento vegetativo da população do país (Sala e Carvalho, 2008).

A emigração uruguaia, como aquela originária da Argentina, caracteriza-se, além disso, pela composição predominantemente familiar e pela seletividade positiva, em termos educacionais, e pela inserção em empregos com requerimentos educacionais menores nos países de destino, o que justificaria a escolha do Rio Grande do Sul como principal local de acolhimento, dadas as suas semelhanças com o Uruguai e proximidade geográfica, um *caráter facilitador* no ato de emigrar e remigrar observado por muitos imigrantes econômicos.

O Mapa 2 mostra ainda as demais procedências dos imigrantes para aquele ano de 2010 – o ano que consideraremos, além do seu boom imigratório, um *divisor de águas* das migrações internacionais para o Brasil e Rio Grande do Sul, que insere o país e o estado na agenda e destino final das imigrações contemporâneas:



Mapa 2 – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Rio Grande do Sul no ano 2010.
Elaborado pelo autor.

Tem-se com o mapa anterior a percepção de que o estado passaria a incorporar nos anos seguintes novos fluxos e números maiores de imigrantes, já destacando aqueles de nacionalidade haitiana, angolanos, sul-africanos, palestinos, sauditas e gregos, além do próprio incremento dos nacionais de países que sofreram com a crise econômica internacional, em especial os portugueses, italianos e norte-americanos.

Neste período que compreendeu os anos de 2000 a 2010, além do Rio Grande do Sul e do mundo terem passado por expressivas transformações sociais, políticas e econômicas, o próprio caráter das migrações internacionais sofreu mudanças consideráveis: a maioria dos imigrantes registrados no estado e no Brasil, segundo os dados da Polícia Federal, possuía curso superior e formação profissional registrada nos seus países de origem, diferentemente do registrado nos grupos imigratórios que chegaram no mesmo período na União Europeia – em especial na França e Alemanha – e de mesma origem.

Portanto, a indagação que se apresenta é que tanto o Rio Grande do Sul (em maior escala que o país) e Brasil receberiam os imigrantes de melhor qualificação profissional e

formação educacional do que os tradicionais receptores, como União Europeia, Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia.

Analisando-se o Gráfico 3 com a linha de tendência de crescimento dos fluxos imigratórios em direção ao Rio Grande do Sul, percebe-se que o ano de 2010 e posteriormente o biênio 2013-2014 seguem e, portanto, corroboram, o *boom* imigratório brasileiro:

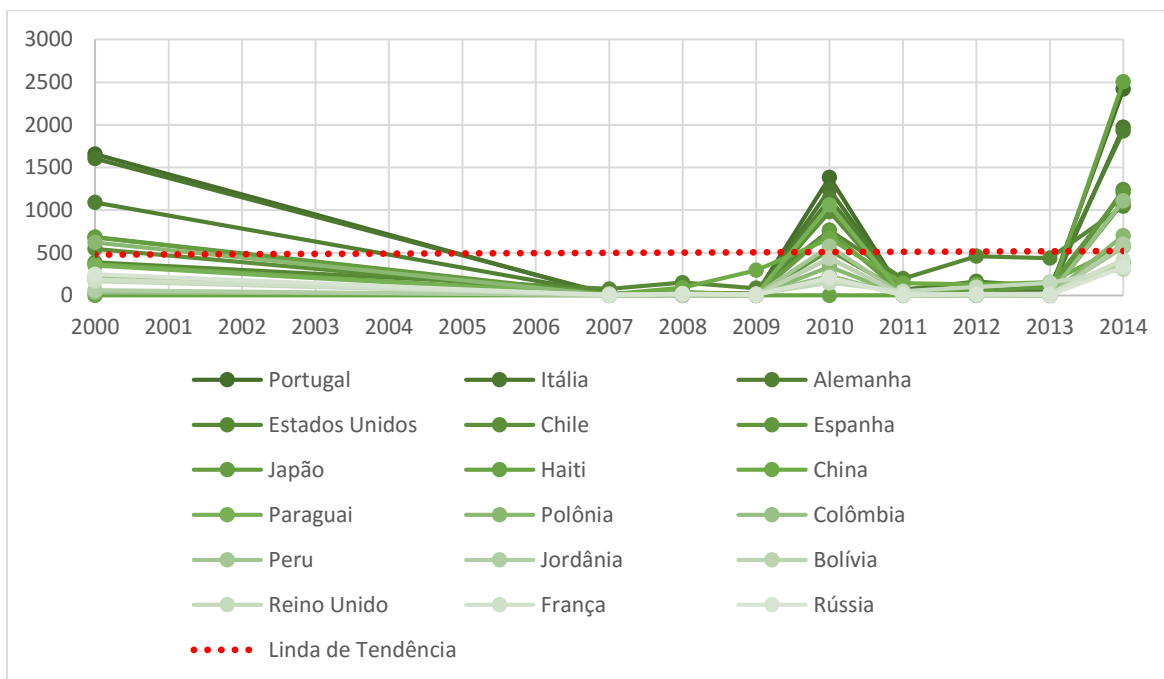


Gráfico 3 – Linha de tendência dos fluxos imigratórios com direção ao Rio Grande do Sul no século XXI.
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Polícia Federal, Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelo autor.

Verifica-se um padrão de estabilidade dos fluxos imigratórios, que no Gráfico 3 apresenta o processo evolutivo de dezoito deles (excluindo-se argentinos e uruguaios, afim de destacarmos os demais grupos). Tal padrão não foi seguido pelos grupos imigratórios não tradicionais ou retomados, como no caso dos próprios haitianos.

Neste sentido, pode-se observar que já a partir de 2008, ano da crise econômica internacional, os fluxos apontavam para um aumento até o *boom* de 2010, com declínio, porém, estabilização até 2013, quando do novo *boom*.

Novamente a Geografia da População permite a inferência destes dados quantitativos com base no cenário demográfico e geopolítico internacional, favorecendo a inserção do Rio

Grande do Sul, frente ao Brasil, nas rotas imigratórias de grupos não tradicionais, como haitianos e senegaleses, que trataremos na análise do biênio 2013-2014 na próxima seção.

3. Perfil imigratório do Rio Grande do Sul no Biênio 2013-2014: novos fluxos e a retomada de migrações tradicionais – o Estado das imigrações

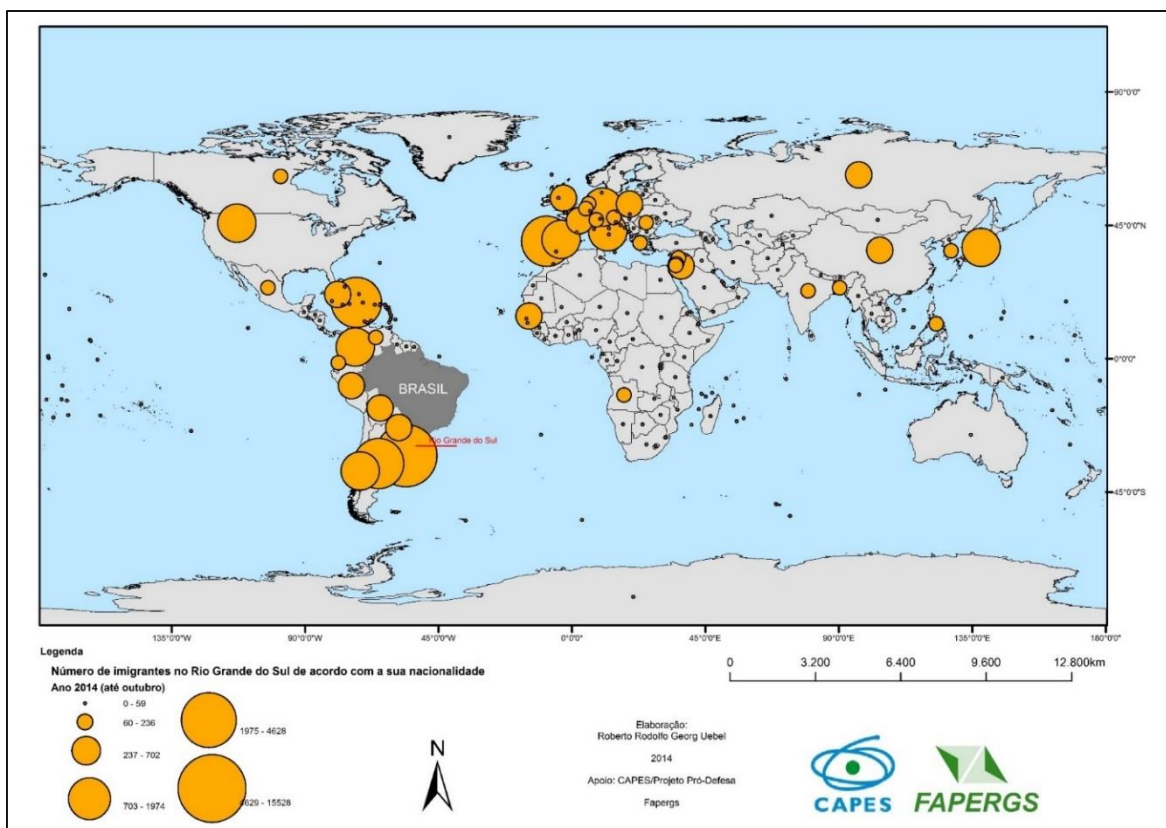
Consoante observou-se nas seções anteriores, infere-se que o estado do Rio Grande do Sul vem passando por um processo de transformação no seu perfil imigratório, caracterizado pelo aumento quantitativo dos fluxos – para aproximadamente 90% das nacionalidades – bem como uma diferenciação dos tipos imigratórios, isto é, novas nacionalidades decidem imigrar para o estado.

Os estrangeiros estão presentes no mercado de trabalho formal distribuídos pela vasta extensão territorial do Brasil. Entre 2011 e 2013, houve aumento da presença estrangeira em todas as Unidades da Federação, segundo Cavalcanti et al. (2014).

Existe uma considerável concentração naqueles estados que compõem as regiões Sudeste e Sul. No triênio analisado, São Paulo se afirma como o estado com o maior número de estrangeiros formalmente empregados. Dos 79.578 estrangeiros empregados no país em 2011, o mercado de trabalho paulista acolhia 27.515, ou seja, 34,6% do total. Em 2013 São Paulo seguia como a UF que mais empregava estrangeiros, com 38.293 indivíduos. A participação percentual de São Paulo no agregado nacional, contudo, reduziu de 34,6% em 2011 para 31,9% em 2013.

Os Estados que experimentaram maior crescimento relativo foram Santa Catarina, com 63,5% de 2011 para 2012 e 133,4% de 2012 para 2013; Rio Grande do Sul, com 53,6% de 2011 para 2012 e 42,0% de 2012 para 2013; e o Paraná, com um crescimento de 44,2% de 2011 para 2012 e 68,2% de 2012 para 2013.

Esse crescimento do número de imigrantes no mercado de trabalho sul-rio-grandense segue a mesma tendência do crescimento do número geral de imigrantes no período de 2010 até 2014, de 124,9% e entre 2013 e 2014 um crescimento de 116%. Este crescimento é seguido pela nova composição imigratória do estado, registrada no Mapa 3.



Mapa 3 – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Rio Grande do Sul no ano 2014 (até outubro).
Elaborado pelo autor.

No Mapa 3 é possível notar já o fenômeno das migrações dos haitianos e senegaleses, além da forte presença de imigrantes de nacionalidade portuguesa, espanhola, japonesa e os bengaleses, outro grupo com considerável participação no estoque imigratório do Rio Grande do Sul dos últimos anos. Tal mapa, se comparado com o Mapa 2 anterior, permite visualizar também a evolução estatística dos quadros e fluxos imigratórios em direção ao estado.

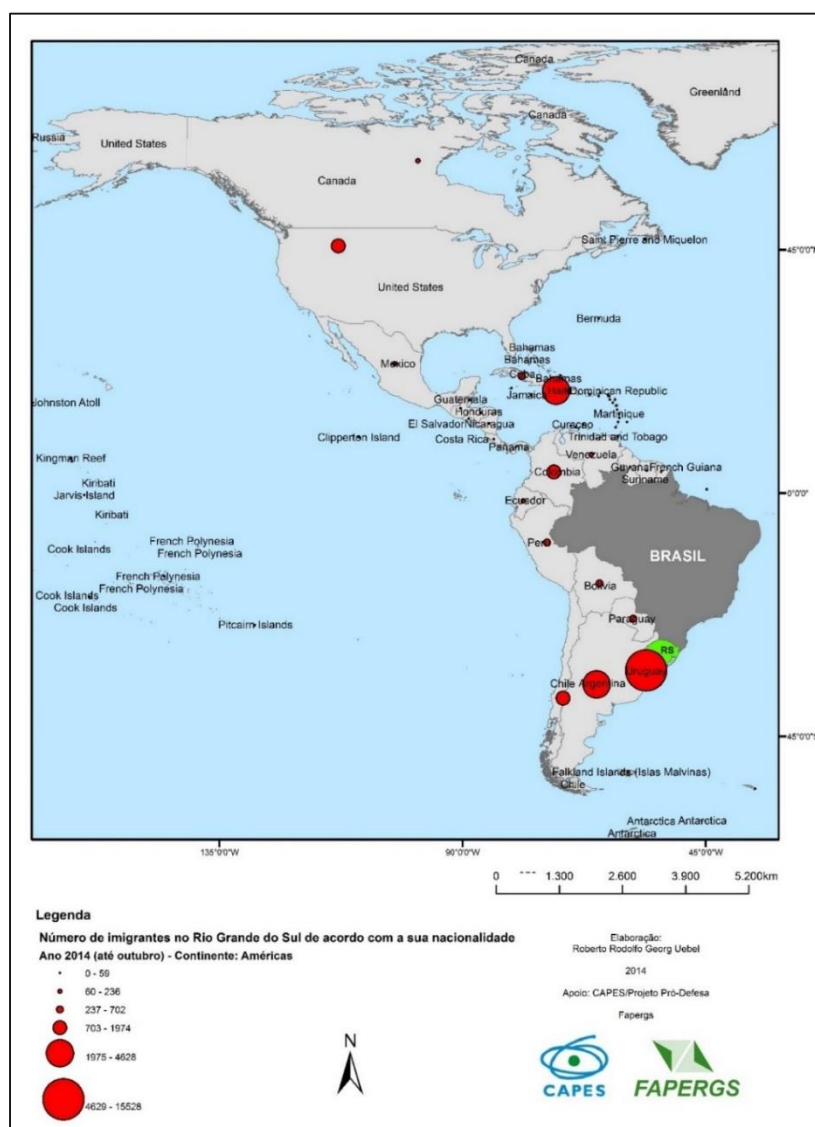
A interpretação que se apresenta destarte os haitianos ocuparem 6% e a terceira posição no ranking antes ocupada por Portugal, é a inserção destes a partir de 2010 em território brasileiro e a consolidação deste fluxo imigratório, não podendo, portanto, ser considerado um fluxo temporário. Percebe-se também que os senegaleses, jordanianos e cubanos passam a ocupar uma representação considerável no perfil imigratório do Rio Grande do Sul no período em análise, apesar de possuírem motivações distintas que serão analisadas nos *compounds* regionais a seguir.

Porém, antes de partirmos para a análise geocartográfica por continente dos fluxos imigratórios em direção ao Rio Grande do Sul, é importante fazer-se a seguinte comparação:

em 2000 apenas 71 nacionalidades de imigrantes eram verificadas no Rio Grande do Sul, em 2010 eram 82 e em 2014 são verificados 134 grupos imigratórios distintos, num universo de 200 nacionalidades observadas e catalogadas. Isso registra e ressalta novamente o papel de inserção do estado nas redes e na agenda internacional das migrações.

Nos mapas a seguir, destacar-se-á por continente quais as nacionalidades que mais possuem imigrantes no Rio Grande do Sul, afim de que possamos embasar a nossa pesquisa no próximo – e último – capítulo, acerca da inserção dos haitianos e senegaleses no estado.

O Mapa 4 apresenta a quantificação do número de imigrantes provenientes do continente americano com destino ao Rio Grande do Sul entre 2013 e 2014.



Mapa 4 – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Rio Grande do Sul provenientes do continente americano e Caribe.

Elaborado pelo autor.

Ao contrário do cenário brasileiro para o mesmo período, analisa-se que no estado do Rio Grande do Sul, apesar da participação estatística e numérica, proporcionalmente os vizinhos Paraguai, Bolívia e Chile estão em menor representação, ao passo em que os imigrantes de origem uruguaia, argentina, colombiana e haitiana, além dos estadunidenses, possuem uma forte participação no estoque imigratório de 2013 até 2014.

O número de uruguaio e argentinos no Rio Grande do Sul, conforme mencionado anteriormente, tem a sua expressividade justificada por um conjunto de fatores: atratividade econômica do estado, proximidade geográfica, similaridade cultural e a própria presença de *loci* imigratórios destas nacionalidades.

A imigração fronteiriça apresenta singularidades em relação às imigrações internacionais de longa distância e às migrações em contextos nacionais. Em um sentido amplo, os processos migratórios são deslocamentos fronteiriços, pois os contatos com outras realidades sociais criam barreiras e produzem travessias e fluxos culturais.

De uma maneira mais específica, entretanto, compreende-se a imigração fronteiriça como os deslocamentos populacionais nas zonas de fronteira entre países vizinhos. Os imigrantes fronteiriços, com exceção das ocasiões de guerra ou outros conflitos diplomáticos entre a nação de origem e de destino, continuam mantendo muitos contatos com seu país e permanecem se comunicando em seu idioma nativo. Além disso, os sinais dos canais de televisão e das ondas dos rádios dos países limítrofes alcançam essas zonas de fronteira e ampliam os raios das “imaginações nacionais”, por exemplo (Albuquerque, 2008).

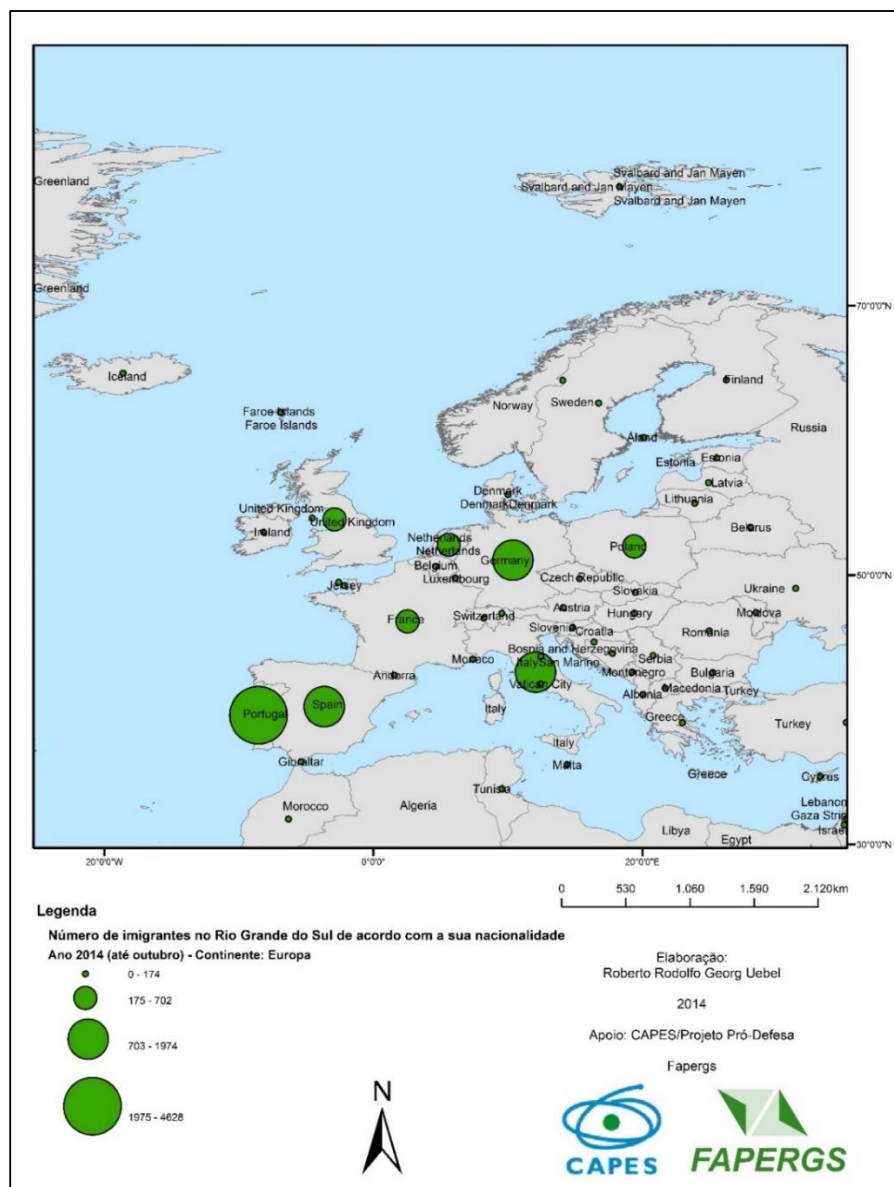
Todavia, este processo de *enquistamento* (Novaes, 2013) não ocorre como uma justificativa para as migrações de colombianos e haitianos, por exemplo, já que estes mostram-se espacializados por todo o território do Rio Grande do Sul, apesar de alguns conviverem em comunidades de não mais de duas dezenas.

O que justifica a presença considerável de colombianos no Rio Grande do Sul está diretamente relacionado às escalas migratórias internacionais na seara do refúgio e asilo político.

Já os haitianos são predominantemente motivados pela atratividade laboral e econômica do estado, coincidente com o aumento do número de vagas registrado pela indústria e comércio rio-grandense no mesmo período bem como pela inserção estratégica do Brasil no Haiti.

Por fim, os imigrantes de nacionalidade boliviana e paraguaia não possuem representatividade considerável no cenário migratório do Rio Grande do Sul em virtude de que estes preferem imigrar para os estados fronteiriços aos seus países, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo, conforme aventado na pesquisa de Ranincheski e Uebel (2014) e pelo fator já considerado de que os imigrantes de nacionalidades vizinhas são predominantemente fronteiriços em suas localidades de residência, isto é, cada estado brasileiro tem nas suas principais composições (e rankings) imigrantes de países vizinhos: uruguaios e argentinos no Rio Grande do Sul, bolivianos e paraguaios no Mato Grosso, peruanos e bolivianos no Acre, etc.

Já a participação dos imigrantes de origem europeia no cenário do estado neste biênio de 2013-2014 segue em certa medida o padrão da escala brasileira, mas apresenta algumas peculiaridades que podem ser observadas no Mapa 5.



Mapa 5 – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Rio Grande do Sul provenientes da Europa. Elaborado pelo autor.

Seguindo o padrão brasileiro, os imigrantes de origem portuguesa, espanhola e italiana ainda possuem uma forte representação na composição do perfil imigratório do Rio Grande do Sul nos últimos anos em função da forte crise econômica lá registrada, ao contrário dos estadunidenses, por exemplo, que retornaram aos Estados Unidos dada a recuperação econômica e dos postos de trabalho naquele país.

A crise econômica e do emprego ainda é persistente no continente europeu, acentuada por uma segunda crise após 2012, atrelada diretamente ao Euro, firmando estes fluxos

migratórios em direção ao Brasil e Rio Grande do Sul, que apresentam postos de trabalho para trabalhadores especializados, coincidindo com o perfil destes imigrantes.

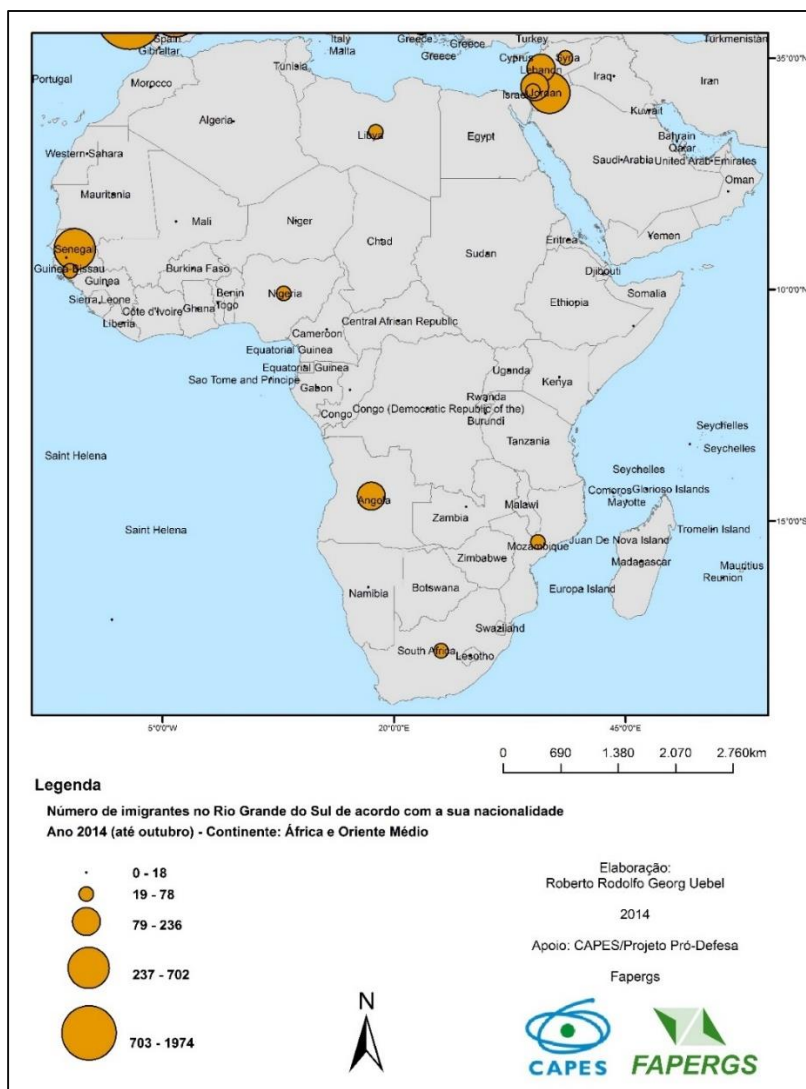
Ademais, argui-se no Rio Grande do Sul a presença de imigrantes alemães, poloneses e holandeses em uma proporção maior que a verificada no restante do Brasil, já que o estado possui uma histórica e consolidada rede e/imigratória para com a Alemanha (Dreher, 2014), Polônia (Gluchowski, 2005) e Países Baixos-Holanda (Witte, 1991).

Tais redes mostram-se efetivas e mantidas ao longo das últimas décadas, prevalecendo-se a hipótese de que as redes migratórias são o principal aporte e esteio das migrações internacionais e que são fundamentais no processo de tomada de decisão de emigrar por parte do indivíduo imigrante (Rocha-Trindade, 1995).

Assim sendo, pode-se inferir que a recente alteração nos fluxos migratórios de europeus e o consequente interesse pelo Brasil e Rio Grande do Sul como destinos da imigração seriam resultados não somente de fatores estruturais, como o crescimento econômico do país e de uma melhor inserção internacional, mas também de fatores subjetivos, qual seja: a leitura que os agentes migratórios fazem da imagem do país e do estado no cenário internacional. Além disso, o desenvolvimento dos laços sociais entre os países de origem e destino faz com que o fluxo migratório se torne cada vez mais estruturado (Paiva e Leite, 2014).

Outrossim, os grupos imigratórios que mais vêm chamando atenção no perfil imigratório do Rio Grande do Sul nos últimos anos, além dos haitianos, são aqueles originários do continente africano, bem como os refugiados e asilados do Oriente Médio.

O Mapa 6 apresenta então os países de origem com maior frequência de imigrantes com direção ao Rio Grande do Sul provenientes da África e Oriente Médio para o período de 2013 a 2014:



Mapa 6 – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Rio Grande do Sul provenientes da África e Médio Oriente.
 Elaborado pelo autor.

Observa-se que os grupos imigratórios mais expressivos provenientes da África se localizam espacialmente na Costa Oeste, à exceção da África do Sul e Moçambique. Senegaleses, guineenses, nigerianos e angolanos destacam-se por este incremento ao estoque imigratório do Rio Grande do Sul.

Outro destaque importante que provém do continente africano é o caso dos imigrantes ganeses, que foram destacados pela imprensa – até mesmo negativamente, usando-se termos como “invasão”, “fugidos”, “pobres” – no primeiro semestre de 2014, conforme segue-se abaixo:

A situação dos ganeses em Caxias do Sul, na Serra do Rio Grande do Sul, está chegando a um ponto crítico. [...] mais 55 cidadãos de Gana chegaram à cidade do Rio Grande do Sul para encaminhar pedidos de refúgio e legalizar a permanência no Brasil. Os ganeses entraram no país com vistos de turistas, concedidos pela embaixada brasileira em Acra, capital do país. De acordo com o Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), entidade que recebe e atende os estrangeiros recém-chegados, em 13 dias, 327 ganeses já passaram pela cidade. Segundo as autoridades, promessas de emprego, facilidades para conseguir o protocolo de refugiado e uma rede de assistência aos imigrantes são os principais atrativos de Caxias do Sul para os ganeses que desembarcam em busca de uma nova vida no Brasil. A rapidez na emissão do protocolo de refúgio na cidade da Serra estava atraindo imigrantes de vários estados do país, como Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais. (Canofre, 2014).

A questão que perdurou por aproximadamente três meses no estado do Rio Grande do Sul em relação aos ganeses, deu-se por sua permanência – em números consideráveis – na Serra Gaúcha, dada apenas e exclusivamente pela rapidez na emissão dos documentos de refugiados, portanto, entendemos que estes migrantes são refugiados, migrantes internos do Brasil e não imigrantes econômicos.

Tal hipótese está corroborada pelo fato de que, segundo dados da Polícia Federal, apenas 14 ganeses possuem residência no estado do Rio Grande do Sul em novembro de 2014, tendo os demais cidadãos migrado para outros estados brasileiros, como Santa Catarina ou para outros países, como o Equador, país tradicionalmente receptor de refugiados na América do Sul.

Deste modo, o Mapa 6 sequer elucida a participação proporcional dos ganeses no estoque imigratório do Rio Grande do Sul, não sendo um grupo de expressão nesta composição, apesar de todo o esforço que a mídia fizera para transformá-los como uma “ameaça” ao mercado de trabalho e população sul-rio-grandense.

Ademais, o caso dos angolanos, nigerianos e sul-africanos está pautado por uma situação distinta àquela dos imigrantes da costa oeste africana ou dos refugiados e migrantes internos ganeses, já que possuem um perfil social, laboral e econômico distinto. Se analisadas as estatísticas da Polícia Federal, pode-se inferir que estas três nacionalidades de imigrantes estão inseridas no contexto de: intercambistas em centros de ensino superior do Rio Grande do Sul, missionários de igrejas e – em menor parte – trabalhadores da construção civil e setor naval, porém, todos já emigraram para o Rio Grande do Sul com uma proposta de emprego ou atuação profissional consolidadas, caracterizando-se uma imigração específica, demandada e, em alguns casos, temporária.

Este tipo de imigração é recorrente em províncias do Canadá, por exemplo, que recebem o mesmo perfil de imigrantes. Por exemplo, poderia se criar uma correlação entre os imigrantes africanos na província do Québec com estas três nacionalidades citadas no estado do Rio Grande do Sul. Ambos grupos imigratórios possuem perfis semelhantes e propósitos e *durabilidade* similar.

Nesse sentido, a imigração de africanos para o Rio Grande do Sul coloca o estado no rol de unidades federativas partícipes na agenda internacional de imigração, tais como Québec (Canadá) e Catalunha (Espanha), dentre outros (Antecol et al., 2004).

Se compararmos a origem dos imigrantes africanos para o estado e para o Brasil, percebe-se que a hipótese do parágrafo anterior está correta, transformando o estado em uma *unidade seletiva* – seja objetiva ou subjetivamente – dos grupos imigratórios, dadas as condições laborais e econômicas do território gaúcho e o perfil dos próprios imigrantes, já que no Rio Grande do Sul sequer se observa a presença de congolezes, camaroneses, malianos, por exemplo, e que possuem forte participação no estoque imigratório total do Brasil.

Já o os imigrantes do Oriente Médio (predominantemente palestinos, jordanianos, libaneses e sírios, somando-se também os imigrantes líbios, tem-se que são cidadãos em sua maioria com status de refúgio ou com imigração temporária para o Brasil, já que sabidamente há a existência de uma rota destes grupos imigratórios em direção ao Uruguai e Paraguai e presença destes nas cidades fronteiriças:

Na fronteira do Uruguai com o Brasil há uma pequena localidade chamada Chuy, onde encontrou refúgio uma comunidade de imigrantes palestinos. Este coletivo, cujo número é difícil de calcular – ainda que se estimem 500 pessoas – apresenta um comércio e conta com instalações próprias como um clube social e uma mesquita. (Martínez, 2014).

Ou seja, há inúmeras “Pequenas Palestinas” nas cidades-gêmeas entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai que historicamente acolhem os imigrantes destas nacionalidades arábicas e muçulmanas. A ideia do *melting-pot* permite então compreender a existência destas comunidades imigratórias nas regiões transfronteiriças sem a perda de suas identidades ímpares.

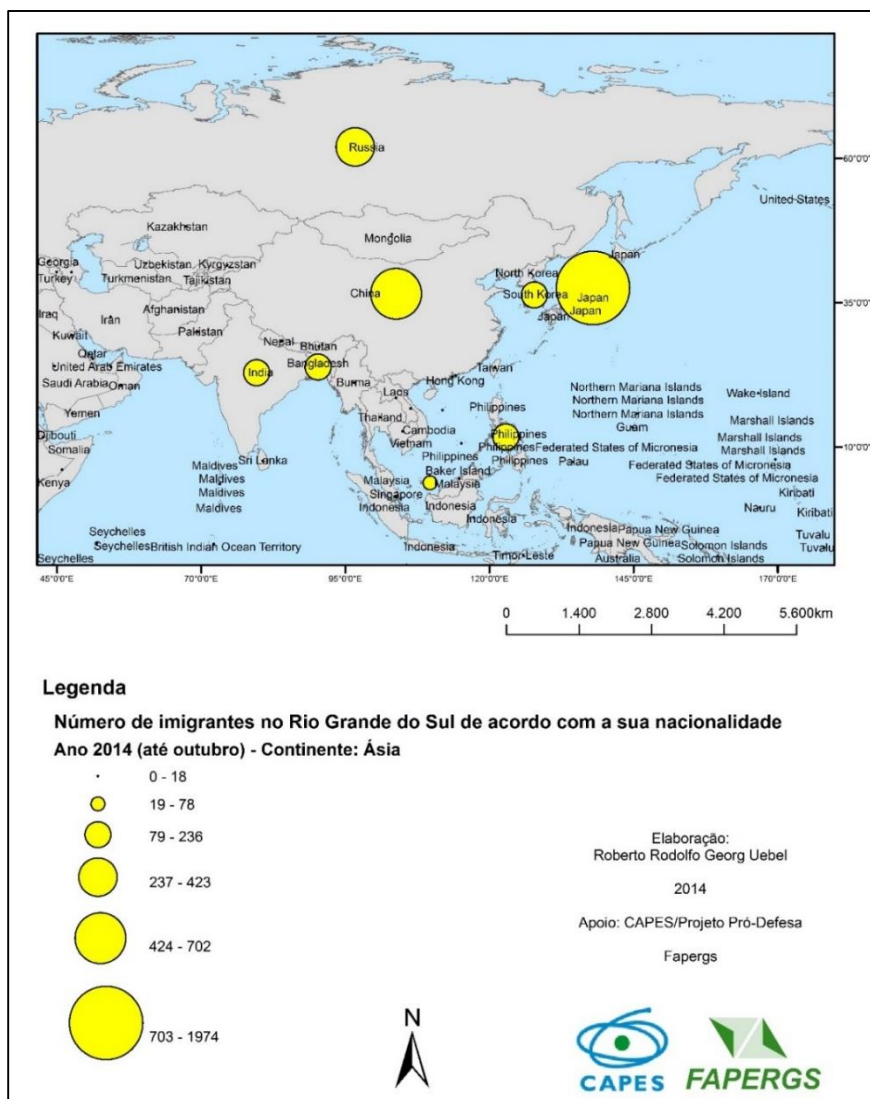
Do ponto de vista geográfico, a participação destes grupos imigratórios está limitada, portanto, às cidades fronteiriças e em menor parte espacializada nos centros urbanos, atuando, já sob uma percepção econômica, em atividades do comércio, predominantemente.

O que se torna interessante nestes grupos imigratórios do Maxerreque é a transformação destes, em sua maioria refugiados, em imigrantes econômicos e, muitas vezes, *a posteriori* cidadãos naturalizados brasileiros, tendo uma total integração com a sociedade local sem perderem seus costumes e tradições.

A discussão feita por Cortes (2004) pondera que este processo de transformação do refugiado em imigrante econômico muitas vezes ocorre ainda durante a rota imigratória ou logo após a sua instalação no país de destino, e que se transforma numa *evidência empírica heterogênea*, isto é, uma amalgamação dentro da própria comunidade imigrante daqueles que são refugiados, imigrantes ou apátridas, notadamente observado no caso dos árabes e muçulmanos verificados no Rio Grande do Sul nas últimas décadas.

Os apátridas também merecem destaque na análise geocartográfica deste Mapa 6, em virtude de que, apesar de não possuírem nacionalidade, este grupo de estrangeiros é predominantemente de origem do continente africano e Península Arábica, por inúmeros motivos, mas, principalmente, em razão dos conflitos e instabilidade político-administrativa que não permite o registro destes cidadãos quando do seu nascimento.

Apesar de não serem um número em grande quantidade, os apátridas no Rio Grande do Sul representam 6,4% do total verificado no Brasil, sendo um dos principais estados que recebem esta categoria de estrangeiros após os estados do Sudeste. Já os imigrantes de origem asiática representam outra importante participação no perfil e estoque imigratório sul-riograndense deste novo século, conforme observa-se na sua participação e procedência no Mapa 7.



Mapa 7 – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Rio Grande do Sul provenientes da Ásia. Elaborado pelo autor.

Estado destino da imigração japonesa no início do século XX (Gaudioso, 2008), o Rio Grande do Sul possui uma das maiores comunidades de imigrantes desta nacionalidade, juntamente com São Paulo, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, ranking este que não mudou desde o início desta imigração em 1908. O fluxo de japoneses para o Brasil e, por conseguinte, para o Rio Grande do Sul sempre fora constante e oscilava em períodos de crise no Brasil e no Japão, não podendo ser considerado um fenômeno pontual, mas sim, um fluxo constante e infindável.

Assim como os japoneses, a imigração de russos para o estado não é recente e remonta ao período após o fim da Guerra da Crimeia, ainda no final do século XIX. A comunidade

rusa do Rio Grande do Sul ocupa uma posição bastante emblemática entre as comunidades russas do Brasil.

No Rio Grande do Sul e em outros estados da região sul, Paraná e Santa Catarina o fluxo de imigrantes foi bastante alto, e diferentemente de São Paulo, algumas cidades dessas regiões tornaram-se núcleos de concentração dessas imigrações caracterizando a formação cultural dessas cidades.

As cidades de Santa Rosa, Santo Ângelo e principalmente Campina das Missões tornaram-se as principais em referência para a imigração russa no Rio Grande do Sul. Os registros de imigração russa para o Brasil são datados a partir de 1870, no Rio Grande do Sul a imigração se inicia 1909, trazendo três ondas de imigração posteriormente:

A primeira onda de imigração russa ocorreu no início do século XX e compôs em sua maioria, imigrantes provenientes de áreas rurais, muitos especialistas nas áreas de plantio e trabalho da terra, agricultores, marceneiros e diversas outras formas de culturas e criação de animais. Na segunda onda de 1917, a imigração foi motivada em razão da revolução bolchevista, na composição dos imigrantes a maioria era técnicos, engenheiros, profissionais das artes, agrônomos, médicos entre outros, a maioria se estabeleceu no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Já a terceira onda e principal em questão de volume, ocorreu por volta de 1945 durante os anos da segunda guerra mundial, onde o fluxo de imigrantes russo foi maior do que em períodos anteriores. (Melo, 2010, p.1).

Portanto, o que se apresenta na contemporaneidade interpretamos como uma *quarta onda de imigração russa*, voltada agora para postos de trabalho especializados e imigrantes acadêmicos e concentrados em polos como Porto Alegre, Santa Maria e Caxias do Sul; isto é, profissionais de universidades e estudantes de ensino superior em razão da cooperação de ensino firmada entre o Brasil e a Rússia sob a égide dos BRICS.

Aliando-se a presença dos russos e japoneses, a comunidade de imigrantes chineses e indianos no Rio Grande do Sul também é muito expressiva e segue uma tendência da imigração russa: profissionais que atuam em empresas de tecnologia e automobilísticas, profissionais informais e do comércio (os populares camelôs) e intercambistas de ensino superior e pós-graduação.

Dentro desta questão, observamos que o Brasil possui acordos de cooperação² e atos bilaterais com Rússia, Índia, China, Coreia do Sul e Japão que justificariam e explicariam o

² Estes atos internacionais foram consultados no Sistema de Atos Internacionais do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e podem ser acessados pela página: http://dai-mre.serpro.gov.br/pesquisa_ato_bil.

aumento expressivo das imigrações provenientes destes países com destino ao país e ao Rio Grande do Sul após o ano de 2010 e mais fortemente em 2013-2014, anos de instalação de empresas de capital originário destes países, bem como profissionais e estudantes em território gaúcho.

Nesse sentido, infere-se que a imigração de japoneses, chineses, russos, indianos e sul-coreanos para o Rio Grande do Sul, somada à instalação de empresas de capital e administração destas mesmas nacionalidades em território gaúcho, corresponderiam e justificariam os aumentos de fluxos nos anos analisados, expressados neste Mapa 7 anterior.

Assim, acredita-se ser um novo conjunto partícipe do novo perfil migratório do Rio Grande do Sul, referindo-se àquela parte de imigrações – subjetivamente – subvencionadas e incitadas por meio de acordos, conforme apresentou-se anteriormente. Tais nacionalidades são, então, resultantes e configuradoras dos *processos migratórios estimulados* verificados no estado após o ano de 2010 e com *boom* após 2013; um novo tipo configuracional das imigrações no Rio Grande do Sul.

Por fim, o continente asiático ainda apresenta três nacionalidades de imigrantes que caracterizam o novo perfil migratório do Rio Grande do Sul, nesse sentido, semelhante ao verificado pelos senegaleses: os bengaleses, malaios e filipinos.

Tais grupos representam mais de quinhentos imigrantes no território do Rio Grande do Sul e seguem as mesmas atividades laborais dos africanos e haitianos nos setores da indústria e comércio, ainda que sejam alguns ambulantes.

A diferença residual entre este grupo de asiáticos e dos haitianos/africanos está na forma como chegam ao estado e nas próprias rotas migratórias e redes de contato: ao passo em que a maioria dos africanos e haitianos migram por meio de redes e utilizam-se de países intermediários (Peru e Bolívia para haitianos, Angola, Marrocos, África do Sul e Espanha para africanos), estes asiáticos migram em navios cargueiros, vêm diretamente, sem um *coiote* ou intermediário ou utilizam-se de linhas aéreas via Emirados Árabes ou pela Turquia e ingressam no Rio Grande do Sul via fronteira com a Argentina, muitas vezes em situações precárias ou de indocumentação.

Segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), no ano passado, até novembro, 1.830 bengaleses, entraram no Brasil e solicitaram status de refugiados - mais

que o dobro do total de cidadãos do segundo país com maior número de solicitações no mesmo período, Senegal (799).

Apesar de não terem o pedido de refúgio atendido - por não se encaixarem nos critérios do governo para isso -, os bengaleses, malaios e filipinos acabam permanecendo no país, recebendo direito a residência permanente. Sem isso, e sem o status de refugiados, eles poderiam ser deportados do país.

A chegada de imigrantes ou refugiados vindos de Bangladesh ou de nacionalidades que tradicionalmente não migravam em massa ao país e ao Rio Grande do Sul, tais como Malásia e Filipinas é, portanto, um fenômeno recente.

Essa diversificação, segundo autoridades, é fruto da crescente projeção brasileira no exterior, aliada às crescentes restrições à entrada de imigrantes na Europa e nos Estados Unidos e Austrália, país que tradicionalmente recebe estas nacionalidades asiáticas.

Assim, nesta questão em relação aos bengaleses, malaios e filipinos, o Rio Grande do Sul apresenta-se como um absorvedor de estoques e fluxos imigratórios antes capitaneados por países como Austrália, Nova Zelândia e Cingapura, empregando-os em mesmas atividades laborais que lá exerceriam, ou seja, muda-se o local de destino, mas a atividade de trabalho permanece a mesma para estes.

Considerações Finais e Perspectivas

Ao longo deste artigo observou-se que assim como ocorrera no Brasil, o Rio Grande do Sul percebeu uma mudança no seu perfil imigratório ao longo dos últimos quinze anos, sustentado nas próprias mudanças do cenário econômico e do trabalho na esfera internacional, tornando-o mais atrativo que outros países ou territórios tradicionalmente receptores de imigrantes.

Além disso, arguiu-se que o estado além de receber grupos imigratórios tradicionais de países fronteiriços, experimentou também a chegada de novos fluxos imigratórios, de refugiados, apátridas, asilados, bem como a retomada de imigrações tradicionais da Europa e Ásia, bem como caracterizou-se também como um território de migrações temporárias dentro do Brasil, em especial no caso dos imigrantes ganeses, que foram sumariamente expostos na mídia estadual e acabaram migrando para outros países ou estados do Brasil.

O Rio Grande do Sul vem apresentando então uma significativa alteração na sua configuração e estoque imigratório, despontando como principal estado brasileiro a seguir esta tendência de reformulação, dadas as suas características históricas, econômicas, sociais e também geográficas.

Pode-se pensar que o estado é o motor propulsor à inserção estratégica do Brasil na agenda internacional das migrações, face os indicadores que aqui analisamos em conjunção com os documentos cartográficos, apesar de que outros estados brasileiros absorvam outros grupos migratórios em maior quantidade. Porém, se compararmos as estatísticas de outros estados, conforme viu-se ao longo do capítulo, argui-se que o estado possui as mesmas características de imigração de *unidades administrativas-chave* como Québec e Catalunha, por exemplo.

Nesse sentido, o estado do Rio Grande do Sul não só coloca o Brasil como um dos principais destinos das migrações internacionais, sejam econômicas ou de refúgio, mas também coloca o seu território nas principais rotas imigratórias internacionais que, em proporção, coaduna com aquelas verificadas na União Europeia, por exemplo.

Portanto, acredita-se que o estado deverá seguir este padrão de atratividade e inserção na agenda das migrações pelos próximos anos, em vista do seu crescimento econômico verificado acima da média do próprio Brasil, as oportunidades de emprego aqui criadas e também em virtude da instalação de empresas de capital estrangeiro que exigem seus profissionais nacionais bem como a mão de obra especializada que não é suprida pela oferta local.

Outro fenômeno que garantirá este patamar de destaque para o Rio Grande do Sul é o mesmo que o verificado nos Estados Unidos e Canadá com a consecução e não apropriação das vagas de trabalho que exigem menor qualificação profissional, aquelas *indesejadas* pela população economicamente ativa do estado, isto é, serviços como metalurgia, trabalhadores da indústria, de supermercados, curtumes e etc., que atendem às expectativas de imigrantes que sequer possuem estas disponibilidades de emprego em seus países de origem.

Em relação ao médio prazo, é necessário ter em consideração o próprio crescimento econômico dos países que mais enviam imigrantes para o estado, bem como do Rio Grande do Sul e suas projeções futuras, além do Índice de Desenvolvimento Humano. Com a análise de tais indicadores é possível perceber que o estado do Rio Grande do Sul possui uma atração

tanto econômica quanto social superior a estes países, o que justificaria para os próximos anos a continuidade destes fluxos imigratórios, em especial dos haitianos e senegaleses, por exemplo.

Ou seja, não existe nem existirá em curto e médio prazo a ocupação de vagas de nacionais por imigrantes, ou o “roubo” de empregos pelos imigrantes, o que contrapõe ao atual pensamento *presque* xenofóbico que tem se verificado no Rio Grande do Sul, ou uma americanização da dialética imigrante no estado face ao ingresso de haitianos e senegaleses.

Em suma, o Rio Grande do Sul se caracteriza então como uma das principais unidades federativas do Brasil na recepção de imigrantes e sua inserção no mercado de trabalho, oriundos das mais diversas partes do planeta e, ao mesmo tempo, assemelha-se a outras regiões de igual influência e intensidade imigratória, tais como o Québec e a Catalunha, ambos nos níveis regionais de seus respectivos países. Portanto, este perfil imigratório prenuncia outras questões promissoras de cunho social e econômico ao desenvolvimento do estado em si.

Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar. Imigração em territórios fronteiriços. In: Congresso Português de Sociologia, 6, 2008, Lisboa. **Anais**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008. v. 302, p. 1-13. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/302.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

ANTECOL, Heather; COBB-CLARK, Deborah A.; TREJO, Stephen J. Selective immigration policy in Australia, Canada, and the United States. **Brussels Economic Review**, Bruxelas, v. 47, n. 1, p. 45-56, spring 2004. Disponível em: <<https://dipot.ulb.ac.be/dspace/bitstream/2013/11915/1/ber-0282.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

CANOFRE, Fernanda. Caxias do Sul recebe mais de 320 ganeses em 13 dias na Serra do RS. **G1**. Porto Alegre, 14 jul. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/07/caxias-do-sul-recebe-mais-de-320-ganeses-em-13-dias-na-serra-do-rs.html>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de; TONHATI, Tânia. **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Brasília: Observatório das Migrações Internacionais, 2014. 110 p. (Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais). Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=FF80808148EC2E5E01499FF58F237AC3>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

CORTES, Kalena E. Are refugees different from economic immigrants?: some empirical evidence on the heterogeneity of immigrant groups in the united states. **IZA Discussion Papers**, Bonn, v. 1, n. 1063, p.03-44, mar. 2004. Disponível em: <<http://ftp.iza.org/dp1063.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

DACANAL, José Hildebrando (Org.). **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. 280 p. (Documenta, 4).

DREHER, Martin Norberto. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul**: esquecimentos e lembranças. São Leopoldo: Oikos, 2014. 248 p.

GAUDIOSO, Tomoko Kimura. Os imigrantes japoneses na história do Rio Grande do Sul. In: Simpósio de História da Imigração w Colonização, 17, 2006, São Leopoldo. **Anais**. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 233-243.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005. 328 p.

MARTÍNEZ, Magdalena. La pequeña Palestina de Uruguay. **El País**. Madrid, p. 1-5. 25 ago. 2014. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2014/08/25/actualidad/1408997422_229494.html>. Acesso em: 23 nov. 2014.

MELO, Dimas. Comunidade russa do Rio Grande do Sul, Brasil: costumes, tradições e alma russa. **Pravda**. Moscou, p. 1-3. 08 jun. 2010. Disponível em: <http://port.pravda.ru/russa/08-06-2010/29810-comunidade_russa-0/>. Acesso em: 23 nov. 2014.

MOREIRA, Julia Bertino. **O acolhimento dos refugiados no Brasil**: políticas, frentes de atuação e atores envolvidos. 2007. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_2_aco_ref_bra.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2014.

NOVAES, Mariana Gonzalez Leandro. Os "galegos da Galícia" no Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE MEMÓRIA SOCIAL, 1., 2013, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013. p. 1 - 12. Disponível em: <https://www.academia.edu/4399742/OS_GALEGOS_DA_GALÍCIA_NO_RIO_DE_JANEIRO>. Acesso em: 22 nov. 2014.

PAIVA, Ana Lucia Bravo; LEITE, Ana Paula Moreira Rodriguez. Da emigração à imigração?: Por uma análise do perfil imigratório brasileiro nos últimos anos. **Ars Historica**, Rio de Janeiro, n. 7, p.1-20, jun. 2014.

PATARRA, Neide Lopes; BAENINGER, Rosana. Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, fev. 2006, p.83-102.

RANINCHESKI, Sonia Maria; UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. La acción del Estado brasileño en relación a los migrantes bolivianos en Brasil: la cuestión del trabajo (in)documentado, refugio e inmigración económica. **Revista de Estudios Transfronterizos: Si Somos Americanos**, Santiago, v. 14, n. 2, p.47-79, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0719-09482014000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jan. 2015.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz da. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. 410 p.

ROLLSING, Carlos; TREZZI, Humberto. Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul. **Zero Hora**. Porto Alegre, 16 ago. 2014. p. 1-7. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

SALA, Gabriela Adriana; CARVALHO, José Alberto Magno de. A presença de imigrantes de países do Cone Sul no Brasil: medidas e reflexões. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.287-304, jul. 2008.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa**. 2015. 248 f. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/117357>> Acesso em: 17 jun. 2015.

WITTE, Dirce. **A colonização holandesa no município de Não Me Toque**. 1991. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade de Passo Fundo, Porto Alegre, 1991.